

Desafios da afiliação intelectual ao Ensino Superior¹

Matheus Vinicius Ferreira REIS²

Agnes Francine de Carvalho MARIANO³

Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, MG

RESUMO

A pesquisa aborda os desafios da afiliação à vida universitária, vividos pelos que ingressam no ensino superior e buscam assumir o ofício de estudante. Tomamos como base, pesquisas de Alain Coulon (2008), que observou o fenômeno no contexto francês, e pesquisas brasileiras sobre trajetórias acadêmicas (SAMPAIO, 2011; SANTOS; SAMPAIO, 2012). Para Coulon, integrar-se à vida universitária significa atravessar diferentes tempos: estranhamento, aprendizagem e afiliação. Nesse processo, o estudante precisa aprender a manejar regras e códigos institucionais e intelectuais. Como percurso metodológico para acessar as percepções estudantis das experiências vividas, trazemos discussões sobre a memória e analisamos dados de seis entrevistas realizadas com estudantes do segundo período do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto. Como resultado, identificamos diferentes desafios ligados à afiliação intelectual, como compreensão da bibliografia adotada e das aulas, implementação de estratégias de estudo e organização do tempo. O que nos leva a ponderar sobre a importância e urgência de iniciativas que colaborem no desenvolvimento da leitura e expressão escrita em formato acadêmico nos semestres iniciais dos cursos superiores.

PALAVRAS-CHAVE: afiliação; memória; ensino; jornalismo.

Introdução

Qual o caminho para o êxito de um estudante na universidade? Isto não é algo que se aprende nas salas de aula que ensinam os conteúdos e técnicas profissionais das diversas áreas do conhecimento. Para que um estudante - seja recém-formado no ensino médio ou que tenha retornado aos estudos após algum tempo - entenda os processos de construção do conhecimento, é necessário aprender as regras da universidade e saber manipular suas inconstâncias.

Aqueles que não apreendem as maneiras de estudar no ensino superior correm o risco de não aproveitar todas as oportunidades que a universidade oferece; estabelecer uma relação de incompreensão (ou uma compreensão incompleta) que dificulta sua formação e até fracassar, sendo eliminados ou autoeliminando-se. Para Alain Coulon

¹Trabalho apresentado no Intercom Júnior – IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

²Estudante da graduação em Jornalismo da UFOP, e-mail: matheus.vinicius@aluno.ufop.edu.br

³Doutora em Ciências da Comunicação e professora do curso de Jornalismo da UFOP, e-mail: agnesmariano@gmail.com

(2008), sociólogo e professor de Ciências da Educação da Universidade Paris 8, na França, para que um estudante não fracasse durante sua graduação, é preciso atravessar os três tempos da afiliação à vida universitária: o tempo do estranhamento, o tempo da aprendizagem e o tempo da afiliação.

Após passar por todos os tempos, o estudante precisa ainda mostrar-se capaz de aplicar várias regras. Assim, Coulon indica que o processo de afiliar-se é dividido em duas partes, a afiliação institucional e a afiliação intelectual. Além de aprender as regras da instituição, conhecer o seu espaço e como manipulá-lo, o estudante deve estar apto a apresentar também suas competências intelectuais. Uma competência que, diferente do ensino médio, envolve outras complexidades, devido à amplitude do campo científico, à necessidade de síntese e aos laços estabelecidos entre os saberes e a futura profissão (COULON, 2008). Para considerar que um estudante esteja afiliado intelectualmente, ele não deve somente apresentar facilidade em desenvolver tarefas formais, como provas e trabalhos passados pelos professores, mas desenvolver criticamente todas essas tarefas incorporando nelas suas próprias reflexões e maneiras de lidar com o saber.

Assim, buscaremos com este trabalho entender ou pelo menos discutir aspectos relacionados à afiliação universitária tomando como base estudos e discussões realizadas na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), no curso de Jornalismo, embasados nos estudos de Coulon, do grupo OVE⁴ e em experiências de seis estudantes de Jornalismo na UFOP. Além de discutir o tempo da afiliação, tentaremos recuperar processos vividos por estudantes universitários na aprendizagem do ofício de estudante, sobretudo quanto aos primeiros contatos com a leitura, escrita e expressão oral em formato acadêmico.

Em busca da afiliação

Quando ingressa na universidade, o estudante se depara com novas regras e formas de adquirir o conhecimento que, até então, na maioria dos casos, estão distantes da sua realidade. As formas de aprender com as quais temos contato até o ensino médio passam a fazer parte de um passado próximo e, nessa nova jornada, entender como se adquire conhecimento passa a ser mais um dos inúmeros desafios de um calouro universitário.

⁴ O grupo de pesquisa Observatório da Vida Estudantil (OVE), da UFBA, vem realizando há 15 anos pesquisas sobre trajetórias acadêmicas e é liderado pelas pesquisadoras que traduziram e publicaram o trabalho de Alain Coulon no Brasil: Sônia Sampaio e Georgina Gonçalves. Ambas são também autoras e orientadoras de diversas pesquisas sobre a vida estudantil, publicadas em artigos e livros.

A aquisição do ofício de estudante passa por fases até que se chegue, enfim, à destreza na “profissão”. É como se o estudante passasse por períodos de experiência, de integração ao novo ou novos ambientes de trabalho para se tornar um profissional da área, alguém que já conhece os trâmites e pode até treinar novos funcionários. Coulon (2008) separa esses momentos em três fases ou tempos: 1) Tempo do Estranhamento, 2) Tempo da Aprendizagem e 3) Tempo da Afiliação. No primeiro momento, o estudante rompe com sua antiga realidade, com seu passado familiar e com suas antigas formas de aprender. Aqui estamos adentrando em um novo mundo e não somos mais parte do anterior, nem tampouco do que o sucede. Estamos entendendo o novo ambiente, lidando com novas formas de viver, rompendo com o que conhecíamos.

Depois de passar por tantas rupturas, o estudante chega a um lugar de inadequação e também familiarização com os códigos e o espaço da universidade. Coulon fala que o tempo da aprendizagem é um período de ambiguidade no qual o estudante começa a traçar estratégias e construir um currículo. É também neste tempo que alguns estudantes consideram abandonar seus cursos, principalmente quando há distanciamento do ambiente universitário, que acontece, geralmente, em períodos de recesso ou férias. Por fim, chega o tempo da afiliação, em que o estudante se encontra “[...] duplamente afiliado: tanto no plano institucional, pois agora compreende e interpreta os múltiplos dispositivos institucionais que regem sua vida estudantil cotidiana, como passa a saber, igualmente, o que se espera dele no plano intelectual”. (COULON, 2008, p. 193).

O estudante entende agora as regras da instituição, os espaços e os códigos do aprender na universidade. Coulon (2008, p. 31) diz que o mais difícil não é necessariamente entrar para a universidade, mas manter-se nela, sobretudo após o primeiro ano. Para isso, é preciso entender como essa instituição funciona, suas regras, seu espaço e sua forma de lidar com a aprendizagem.

Memória estudantil

Se o ingresso no ensino superior - no Brasil, na França ou em qualquer parte - é um processo que coloca diante dos estudantes inúmeros desafios, riscos, oportunidades e obstáculos, para alguns grupos, em situação de vulnerabilidade, tudo é mais intenso e complexo. Criada em 2012:

egressos de escolas públicas e desse montante, estratifica-se um percentual de vagas de acordo com a renda e o pertencimento a grupos étnico-raciais (pretos, pardos e indígenas), e, a partir de 2017, passa a contemplar também as pessoas com deficiência (BRASIL, 2016). (PENA, COUTRIM, MATOS, 2021, p. 2)

Entretanto, como morar, sobreviver, custear os estudos, dar conta das demandas intelectuais com lacunas de formação herdadas de um ensino anterior precário? Escutando estudantes universitários oriundos de camadas populares que ingressaram em cursos prestigiosos da UFOP (Medicina, Direito e Engenharia Civil), Pena, Coutrim e Matos descobriram com surpresa, por exemplo, que as “atividades de lazer parecem quase inexistentes” (2021, p. 15) nas vidas desses jovens, tanto pela limitação na quantidade de amizades, dificuldades econômicas e ausência de hábito de consumo cultural. Enquanto Sousa e Peixoto, ainda sobre a UFOP, identificaram, no contexto das moradias estudantis, o quanto o apoio e orientações dos colegas podem ser decisivos e até evitar a evasão:

Chegou a pensar em desistir do curso devido às dificuldades de subsistência. Foi quando uma colega de turma, residente da moradia estudantil (Conjunto I) acolheu Carla e outro estudante em seu próprio quarto até que a avaliação socioeconômica do setor de assistência estudantil fosse efetivada e eles tivessem acesso às condições necessárias para sua permanência. Esse período durou entre dois a três meses. Após esse prazo, Carla conseguiu, a partir do resultado da avaliação socioeconômica institucional, uma vaga em outra moradia estudantil. (SOUSA; PEIXOTO, 2020, p. 305)

Nas duas pesquisas citadas acima, assim como nos trabalhos de Coulon, dos pesquisadores ligados ao OVE e outros grupos, a escuta da memória estudantil, das suas narrativas e percepções das experiências vividas é o principal recurso metodológico. Pesquisadores ligados ao OVE buscaram observar de perto a condição: dos estudantes de “origem popular” (TEIXEIRA, 2011), o que inclui a experiência familiar e educacional anterior à universidade; dos estudantes que ingressaram por meio de políticas de ações afirmativas; das estudantes mães (URPIA; SAMPAIO, 2011); a importância dos espaços de sociabilidade disponíveis nos campi; os desafios da afiliação institucional para os que chegam de outras cidades e estados; a inclusão dos estudantes que são pessoas com deficiências, para citar apenas alguns exemplos (SAMPALIO, 2011). Trata-se, portanto, de um vasto campo de pesquisa, com múltiplas dimensões a serem observadas.

Assim como Pollak (1992), acreditamos que a memória é uma dimensão que envolve

pessoas, acontecimentos e lugares. Ela é, como diz Marialva Barbosa, “sempre uma ação do presente” (BARBOSA, 2004, p. 5). Uma ação de representação do passado com as palavras e perspectivas do presente.

[...] um indivíduo, quer fale espontaneamente de seu passado e de sua experiência (publicando, por exemplo, suas memórias), quer seja interrogado por um historiador (tornando-se assim testemunha ou ator da história), não falará senão do presente, com as palavras de hoje, com sua sensibilidade do momento, tendo em mente tudo quanto possa saber sobre esse passado que ele pretende recuperar com sinceridade e veracidade (ROUSSO, 2006, p. 98).

Dizer que a memória não pode nos transportar ao passado com absoluta fidelidade, não equivale a considerá-la inútil. Muito pelo contrário. Por meio da memória, temos acesso às percepções dos fatos (THOMPSON, 2002). Portanto, a um mundo íntimo de interpretações, valores, identidades que influenciam o modo como os estudantes narram/sentem o que viveram e agem a respeito disso. Por tudo isso, acreditamos que debruçar-se sobre as experiências estudantis é um recurso indispensável para a compreensão do processo de afiliação à vida universitária.

A nossa pesquisa parte da premissa de que é oportuno e fundamental estudar, também, o ambiente próximo, aquele no qual os próprios pesquisadores estão inseridos. O que equivale, em nosso caso, a observar experiências vividas na universidade (ALMEIDA FILHO, 2011). Neste movimento, é importante entender que mais do que “verdades” e “fatos”, estamos em busca de percepções dos diferentes sujeitos a respeito das experiências vividas (ALMEIDA FILHO, 2012). Por isso, o objetivo aqui é buscar uma aproximação da perspectiva estudantil a respeito da vida universitária, por meio da escuta das suas experiências e interpretações.

Afiliação intelectual

No primeiro período do curso de Jornalismo, muitos estudantes têm um grande susto ao ter contato com uma nova concepção de texto. O que antes eles entendiam como uma página, no máximo duas, ou textos acompanhados de imagens em livros didáticos, precisa ser ressignificado diante de textos de 10, 20, 30 páginas. Além da diferença quantitativa, assustam-se também com a linguagem, tão diferente quanto o número de laudas.

A forma como os textos universitários são escritos é uma novidade aterrorizante para muitos e, ali, se dá o primeiro contato com uma nova profissão, um contrato assinado

por oito ou mais semestres que não tem em suas notas de rodapé todas as tarefas a serem desenvolvidas para o sucesso nos estudos. Sendo assim, essa profissão, denominada por Coulon de ofício de estudante, exige entender que, além de frequentar as aulas, é preciso estabelecer um diálogo entre o campus e a casa. Não é como outras profissões em que, ao sair do ambiente de trabalho, podemos nos desvincular das tarefas. Torna-se indispensável, para além da sala de aula, a continuidade reflexiva através de novos acessos.

Para a maioria, as leituras, um dos principais pilares para chegar ao trabalho de reflexão, são totalmente diferentes do que foi conhecido até então. É preciso dar conta de uma série de nomes e conceitos de autores apresentados desde os primeiros dias de aula e que estarão presentes em todo o caminho da graduação. Entretanto, não são igualmente apresentados os jeitos de ler esses textos, nem como acessar autores e referências que fazem parte da totalidade desses materiais, já que muitas vezes trabalhase com capítulos e/ou páginas específicas de livros.

Sobre leitura

No contexto da pesquisa de campo que originou este artigo, foram entrevistados seis estudantes do segundo período do curso de Jornalismo da UFOP (após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da instituição). Por meio da escuta das experiências vividas no curso, podemos acessar valiosas e distintas contribuições sobre as percepções desses estudantes em relação às demandas intelectuais da universidade. A maioria deles relatou a dificuldade em conseguir manter as leituras em dia, compreendê-las e atender a todas as indicações passadas pelos professores. Uma das pessoas entrevistadas destaca como a transição do Ensino Médio para o Ensino Superior carece de instruções para inserir a linguagem acadêmica no cotidiano dos recém ingressantes.

Tanto no Ensino Médio quanto nesse primeiro semestre de faculdade, não há nada te preparando para o texto acadêmico. E o texto acadêmico, eu creio que seja muito elitista e muito separatista, tendo em vista que o Brasil possui diversas camadas de ensino e nem todas abrangem essa metodologia linguística que a academia utiliza. [...] A nossa disciplina era feita assim: era na quarta e na sexta. Na sexta a gente lia os textos sozinhos e na quarta a gente discutia, só que é muito difícil para o aluno se instigar a ler um texto que ele não tá entendendo nada. (Entrevista B)

Outra pessoa entrevistada conta sobre a dificuldade em relação à linguagem encontrada nos textos. Para ela, a quantidade de leituras agendadas em um prazo curto dificulta o

entendimento do assunto abordado, prejudicando a participação em momentos de reflexão sobre as discussões levantadas em sala de aula.

Eu nunca tinha visto aquele vocabulário dos livros que a gente tinha que ler. Então, o primeiro período foi realmente muito complicado. Foi o período das matérias teóricas e eu acho que a maioria dos estudantes tem um baque no curso de Jornalismo, no primeiro período, que você é exposto a uma linguagem muito complicada. [...] Às vezes, alguns professores passam capítulos para a gente ler pra próxima aula. Dependendo do tamanho, a gente não consegue ler [...] e aí sua ideia vai se perdendo se você não fizer fichamento. Às vezes, você não tem tempo para fazer um fichamento. Inclusive se você ler no ônibus ou no trabalho, você guarda só na sua memória. (Entrevista F)

Outros estudantes, devido a hábitos adquiridos antes da universidade, como de leitura e pesquisa individual, apresentam familiaridade com alguns temas e a linguagem tratados no Ensino Superior. Aqueles que demonstram ter esses hábitos, costumam assimilar melhor e mais rapidamente os conteúdos demandados. Também mostram facilidade em administrar o tempo reservado para os estudos, conseguindo, se for preciso, ler os textos mais de uma vez, até a completa compreensão do que está sendo dito.

No primeiro período, eu lembro da sala falando muito desses textos. Eu já tinha uma familiaridade com os autores e com as obras e eu gosto muito de ler e sempre li muito. Então foi tranquilo e eu consegui fazer a leitura de todos os textos, tanto que eu tinha tempo para ler e reler, caso eu não entendesse. (Entrevista C)

Além de acessar o conteúdo indicado através das ementas, é importante e enriquecedor para o percurso acadêmico que criemos autonomia e saibamos utilizar ferramentas para agregar a nosso repertório. A literatura, a arte e outros campos são tão importantes quanto acessar trabalhos científicos, servindo de impulsionador para o crescimento e desenvolvimento acadêmico. “Normalmente eu leio mais sobre esporte. É um assunto que me ajuda, inclusive, a melhorar a escrita. Eu não sei se são os mais adequados. Esses textos mais teóricos, não costumo ler” (Entrevista F). Porém, o acúmulo de trabalhos e afazeres dentro e fora da universidade impossibilita a leitura sobre outros assuntos, além de dificultar o exercício de pesquisas individuais sobre temas que interessam aos estudantes e até mesmo outras referências sobre as discussões geradas em aula.

Eu sempre tive um apreço muito grande pela cultura e pela literatura. Só que, desde quando eu cheguei na faculdade, a minha carga de leitura tem estado muito precária. A gente vai lendo muito, a gente vai produzindo muito, a

gente vai se cansando. Então, às vezes, se torna muito cansativo ler uma reportagem que eu gosto muito. (Entrevista B)

Nas entrevistas, os estudantes relatam que mesmo surgindo interesse em buscar e consumir outros textos fora das disciplinas, a falta de tempo não auxilia nesse processo. Mesmo reconhecendo que é fundamental para o exercício da profissão manter uma leitura ativa sobre assuntos variados, a sensação é exatamente como uma das pessoas entrevistadas descreveu: “Eu não tenho tempo para disponibilizar para essa leitura, eu devia estar fazendo algo mais importante.” (Entrevista C)

Tenho tido vontade. Eu estou com um livro na bolsa, inclusive, que está comigo há duas semanas, porque eu não tenho tempo para ler. É uma leitura que me interessa, que já foi indicado em sala de aula, apesar de não ser obrigatório, só uma indicação. (Entrevista C)

Uma das formas de apreensão de leitura que alguns professores nos apresentam no primeiro semestre de aulas é o fichamento. Um curto tempo de aula é usado para explicar o que é, para que serve, os tipos, como fazer e qual fichamento deve ser feito para aquela disciplina. Assim, além de ler e compreender todo o texto, sua linguagem e códigos, o estudante deve saber selecionar quais as partes importam e devem ser sublinhadas. Em alguns casos, essas partes devem vir com comentários do próprio estudante.

Sobre compreensão das aulas e textos

Não é apenas a linguagem textual que apresenta-se, às vezes, de forma ininteligível. Em algumas aulas, o modo como o professor debate, levanta discussões e explica o conteúdo pode ser um fator para a não compreensão do assunto. Quando perguntados se entendiam as apresentações dos professores, alguns estudantes disseram ter mais dificuldade em disciplinas de outras áreas do conhecimento.

Bom, aí depende muito da matéria. Se for uma matéria mais para fora do Jornalismo, eu sinto que eu não entendo muito bem o que o professor está falando. Vou ter que estudar sozinha essa parte. Mas as matérias que estão mais inseridas no Jornalismo, são mais fáceis de entender. (Entrevista F)

Nesses momentos, é importante buscar outros meios para realizar as atividades da disciplinas. Alguns, mesmo sem entender o que é explicado, conseguem cumprir o que

se pede. “Algumas aulas não eram tão compreensíveis, eu não entendia muita coisa que ele falava, mas eu conseguia exercer o que ele pedia. Ele sempre elogiava os meus textos, mas o que ele falava mesmo eu não conseguia entender muito. Não sei porque também” (Entrevista A). Outros buscam, através da integração social, garantir a entrega do que é solicitado em aula. “Então, o que acabava facilitando eram os trabalhos em grupos que a gente ia trocando conhecimento sobre aquilo que era ministrado e também troca de resumos. Eu tive quatro amizades que a gente trocava esse conhecimento” (Entrevista B).

A não compreensão dos conteúdos desestimula o interesse dos estudantes na disciplina e uma das preocupações de um dos entrevistados era em relação ao coeficiente final. Se uma ou duas disciplinas não terminam tão bem, todo o resto pode ser comprometido.

No meu primeiro semestre, [em uma disciplina] eu tive uma maior facilidade, porque era algo que a gente ia lendo como era feito. O professor facilitava muito essa democracia do nosso entendimento, tanto do que era ministrado quanto do que a gente via. E eu tive muita dificuldade em relação a entender duas matérias, porque eu chegava na aula, às vezes, quando eu não tinha lido o texto, eu não entendia. E os textos eram muito difíceis, o que acabava me desmotivando em relação à matéria. (Entrevista B)

Na UFOP, assim como na maioria das universidades, se não em todas, são disponibilizadas as ementas das disciplinas, acompanhadas dos cronogramas das aulas, seus temas, datas de atividades avaliativas e a bibliografia com links para o acesso aos textos ou às pastas onde estes já estão devidamente organizados. De um lado, esse método facilita a vida de estudantes que têm seu primeiro contato com materiais universitários. Por outro lado, reforça as maneiras de estudar vindas do Ensino Médio. O problema é que, uma hora ou outra, esses estudantes precisarão procurar essas referências por si só, seja para complementar trabalhos da disciplina, para buscar outras fontes de um mesmo tema, ou para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Durante o contato com essas leituras, que são por si só densas e recheadas de novos termos e construções frasais muitas vezes complexas, devemos não apenas saber ler, mas compreender seu conteúdo para, mais tarde, apresentá-lo em sala ou em atividades. Mas como traduzir em palavras próprias algo que sequer aprendemos a decifrar ainda? Ou nem mesmo tivemos repertório para chegar ao fim desses materiais?

Depois de descobrir como decifrar a linguagem dos textos, é preciso aprender o que deve ser extraído deles. Ao longo do caminho, cada um vai descobrindo as formas com as quais tem mais facilidade para compreender as leituras. Alguns preferem apenas

grifar as partes que julgam mais importantes. “Eu marco os textos. No primeiro período, a gente tinha que fazer fichamento, então eu fazia fichamento. Mas como agora não tem, eu gosto de grifar os textos” (Entrevista C). Enquanto outros buscam apoio nos fichamentos e anotações para recordar o que foi lido. “Faço esses trabalhos porque me ajuda muito. Às vezes, se eu não estou com um texto impresso para grifar, anoto as partes importantes. Costumo às vezes escrever um texto do meu jeito. Me ajuda muito. Nas provas, em tudo” (Entrevista F).

Ainda que se encontre a melhor forma para lidar com os grifos, a falta de tempo e, em alguns casos, a necessidade de releituras, impõem-se como barreiras e é necessário adotar outras formas de extrair as passagens mais importantes.

Eu tenho uma fixação maior pela escrita, só que, quando você tem uma demanda muito grande e você vai escrever, você não vai ter tempo pra nada. Então, eu comecei a grifar textos, a fazer anotações do lado do arquivo e matérias que eu possuo uma dificuldade maior, eu fazia fichamento, fazia resumos. Então, tinha uma demanda a mais para eu entender o que aquele autor dizia, Às vezes, eu leio a primeira, leio a segunda, grifo e faço anotações no arquivo. (Entrevista B)

Sobre organização do tempo

É uma das partes do ofício de estudante saber administrar o seu tempo, separar os momentos para leitura, fichamento e síntese dos textos. Esse tempo deve vir conosco, ser um trabalho inconsciente, visto a demanda de leitura, compreensão e discussão. Porém, um novo integrante da UFOP, para além de, frequentemente, não possuir ainda essa consciência organizacional, tampouco a compreensão de como ler e julgar o que é importante em um texto acadêmico, está lidando com várias outras demandas: um novo lar, uma nova cidade, convívio com novas pessoas e uma nova rotina. Como aprender, em pouco tempo, uma nova forma de ler e compreender uma nova linguagem, vivendo uma rotina completamente diferente? Às vezes, esse estudante precisa ainda aprender questões cotidianas como cozinhar e manter o ambiente limpo e organizado.

Na UFOP, o curso é ministrado no vespertino, das 13h30 às 17h e à noite, entre 19h e 22h40. No primeiro período, não é permitido se matricular em eletivas, mas há outros percalços que precisam ser considerados na organização de tempo para o estudo. Para alguns, o tempo deve ser dividido entre atividades como limpeza, estudo e trabalho. “Geralmente, eu estudo durante a tarde. Mas, agora, que eu comecei a trabalhar alguns dias, eu tenho estudado de manhã. Eu acordo às 7h da manhã e estudo até às 11h. Aí eu

vou trabalhar, chego 15h, 15h30, dou uma lida em algum texto e venho pro ICSA” (Entrevista A).

Outros, como aqueles que escolhem ou precisam morar em Ouro Preto, mesmo sendo cidade vizinha de Mariana, com aproximadamente 15 km de estrada separando-as, precisam contar com o transporte público para se deslocar. “Eu tenho me organizado mais à noite, em casa eu estou mais tranquilo, mais silêncio. A parte da manhã, eu tenho almoçado por volta das 11h, 11h30 e depois vou para Mariana e fico até voltar” (Entrevista E).

As cidades que abrigam os campi da UFOP geralmente têm a cultura republicana bastante presente. Além dos compromissos com a limpeza, organização e decisões sobre a casa, algumas repúblicas funcionam com suas próprias regras e hierarquias. Um recém-chegado na universidade, precisa aprender a montar a escala com seus horários levando em conta o tempo necessário para que o conteúdo seja apreendido.

Eu gosto de fazer as coisas de manhã, só que nem sempre eu consigo justamente por essas outras responsabilidades envolvendo estar em uma república. E também de não ser um espaço tão favorável para estudar. Mas eu prefiro me orientar de manhã, entender o que eu tenho que fazer e fazer de fato a tarde. Só que não é sempre que sai nos conformes, assim, não. À noite eu tenho aula, né? Então, tem que estar pronto, tem que estar feito. (Entrevista D)

Há estudantes que precisam se dedicar aos fins de semana para conseguir cumprir com todas as suas tarefas. No caso de uma das pessoas entrevistadas, o tempo é dividido entre estudo, trabalho e estrada.

Meu tempo pra estudar é no final de semana, porque, igual agora, eu tenho esse tempo da manhã, mas nem sempre eu estudo, só se realmente tiver alguma coisa pra fazer. Para sentar, estudar sobre algum assunto e tudo mais, eu faço de manhã no sábado e no domingo, dependendo. No caso do sábado, não está dando mais pra tirar, porque eu estou trabalhando. Então, no domingo é o único tempo que eu tenho para me dedicar inteiramente ao estudo. (Entrevista F)

No curso de Jornalismo da UFOP, devido ao fato do campus estar localizado na cidade de Mariana (MG), a locomoção quase nunca depende de transporte coletivo. Ainda assim, para um novo morador, aprender a se locomover em uma nova cidade é uma tarefa a ser levada em conta. No caso dos estudantes, existe ainda a necessidade de conhecer os espaços da universidade. Aqui na UFOP, os cursos são distribuídos em três campi: em Ouro Preto, que abriga institutos no centro da cidade e no bairro Bauxita; em

João Monlevade e em Mariana, onde existem dois institutos: o Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) e o Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA). Ou seja, o estudante deve conhecer não só a cidade, mas também os espaços que compõem a própria universidade.

Algumas disciplinas facultativas que um estudante de Jornalismo da UFOP queira cursar irão demandar que ele vá para outro instituto e, eventualmente, outra cidade. O curso de Jornalismo é lecionado no ICSA, mas cursos como Letras e História ficam no ICHS. Outros, como Filosofia, exigem uma locomoção intermunicipal. Há estudantes que, além de escolher facultativas ministradas em Ouro Preto, optam por morar na cidade, ao invés de Mariana, dependendo assim de algum meio de transporte. Poucos têm carro ou moto, resta então, para a maioria, os ônibus intermunicipais ou as caronas, após as 22h40, quando terminam as aulas noturnas. E enfrentando, em algumas épocas, baixas temperaturas. Ainda que todo esse emaranhado de entraves seja superado, ou que a superação ocorra concomitantemente, aprender a ler um texto acadêmico e sintetizá-lo, demanda, antes de tudo, um aprendizado. Esse aprendizado não vem do dia para a noite, e convive com dificuldades quando deve ser decodificado de uma maneira autônoma.

Considerações finais

A aproximação feita até aqui - com revisão bibliográfica sobre pesquisas que estudam a afiliação à vida universitária e trajetórias estudantis, em diálogo com as experiências vividas ou observadas pelos autores e as entrevistas realizadas - indica a importância de um incremento no apoio à afiliação intelectual dos calouros. Os semestres iniciais, como indica Coulon, são os mais críticos e vulneráveis, sujeitos à evasão. As universidades consideram-se inclusivas, por incorporarem estudantes com variados graus de letramento, mas não se engajam o suficiente na solução das carências que herdaram. Perpetuam-se assim desigualdades que poderão acompanhar alguns mesmo após a formatura. Longe de se tratar de um problema apenas nosso, o próprio Coulon descreve desafios similares em sua universidade, aberta a estudantes trabalhadores, imigrantes e pessoas de baixa renda. Para ele, uma ênfase na metodologia documental desde o início é prioritária:

A melhor ferramenta, a mais urgente, também a mais fácil de fazer operar em todas as universidades, seria o desenvolvimento massivo, desde o primeiro ano, do ensino de iniciação à pesquisa documental. Isso teria o objetivo de mostrar aos estudantes, que ingressaram nesse novo mundo das ideias, que ele tem regras próprias de classificação e códigos de acesso, que não são secretos e podem ser elucidados; regras de trabalho intelectual, regras de classificação dos discursos e das práticas universitárias, regras de leitura, de escrita, regras linguísticas, de comunicação, etc. [...] Quando foram concebidos, os objetivos do ensino da metodologia documental eram: aprender a utilizar os recursos documentais das bibliotecas, dominar a leitura, melhorar a memória, organizar o trabalho intelectual. [...] O desempenho acadêmico dos estudantes que frequentaram o curso de metodologia documental é claramente melhor. (COULON, 2008, p. 265-267).

Ainda que tenham ampliado significativamente o acesso ao ensino superior nos últimos anos e que busquem criar políticas para favorecer a permanência (bolsas, apoio moradia e alimentação), as universidades brasileiras e seus docentes ainda precisam avançar muito no acolhimento efetivo aos discentes, encarando com maior generosidade e atenção a diversidade de experiências e saberes dos estudantes. E o primeiro passo, acreditamos, é a escuta.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, Naomar. A vida universitária como objeto de pesquisa e o campus universitário como etnopaisagem. In: SAMPAIO, S. (Org.). **Observatório da vida estudantil: primeiros estudos**. Salvador: Edufba, 2011. p. 7-12.

ALMEIDA FILHO, Naomar de. O campus universitário como campo (de pesquisa). In: SANTOS, G. G. dos; SAMPAIO, S. (Orgs.). **Observatório da vida estudantil: estudos sobre a vida e culturas universitárias**. Salvador: Edufba, 2012. p. 61-83.

BARBOSA, Marialva. Jornalistas, “senhores da memória”? In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 27, 2004, Porto Alegre. **Anais eletrônicos**. Porto Alegre: PUC-RS, 2006.

COULON, Alain. **A condição de estudante: a entrada na vida universitária**. Salvador: Edufba, 2008.

COULON, Alain. O sucesso estudantil e sua avaliação: que política universitária é possível? In: SANTOS, G.; SAMPAIO, S. (Orgs.). **Observatório da vida estudantil: estudos sobre a vida e culturas universitárias**. Salvador: Edufba, 2012. p. 19-30.

PENA, Mariza Aparecida Costa; COUTRIM, Rosa Maria da Exaltação; MATOS, Daniel Abud Seabra. Oportunidades e desafios no ensino superior: experiências de universitários de camadas populares da Universidade Federal de Ouro Preto. **Periódico Horizontes**, Itatiba, v. 39, n. 1, p. 1-23, 2021.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n.

10, p. 200-212, 1992. p. 200-207.

SOUSA, Letícia Pereira de; PEIXOTO, Maria do Carmo de Lacerda. A moradia estudantil universitária: práticas de educação formal e informal. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 7, n. 6, p. 299-311, 2020.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 93-101.

SAMPAIO, Sônia. O observatório da vida estudantil: uma contribuição aos estudos sobre vida e cultura universitária. In: SAMPAIO, S. (Org.). **Observatório da vida estudantil**: primeiros estudos. Salvador: Edufba, 2011. p. 13-25.

SANTOS, Georgina Gonçalves dos; SAMPAIO, Sônia. Apresentação. In: SANTOS, G.; SAMPAIO, S. (Orgs.). **Observatório da vida estudantil**: interdisciplinaridade, vida estudantil e diálogo de saberes. Salvador: Edufba, 2020. p. 19-23

TEIXEIRA, Ana Maria Freitas. A universidade entre as palavras de jovens de origem popular. In: SAMPAIO, S. (Org.). **Observatório da vida estudantil**: primeiros estudos. Salvador: Edufba, 2011. p. 27-51.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

URPIA, Ana Maria de Oliveira; SAMPAIO, Sônia. Mães e universitárias: transitando para a vida adulta. In: SAMPAIO, S. (Org.). **Observatório da vida estudantil**: primeiros estudos. Salvador: Edufba, 2011. p. 145-168.